FEBRE DA CASTANHA NA TERRA FRIA: IMAGENS E BREVES APONTAMENTOS ETNOGRÁFICOS

Octávio Sacramento & Rui Pilão¹
UTAD, Vila Real, Portugal / Bragança, Portugal

A partir de um conjunto de 15 fotos construímos um breve roteiro etnográfico da atmosfera que, sazonalmente, de outubro a início de dezembro, configura o «tempo da castanha» na região da Terra Fria transmontana, no nordeste de Portugal. Procuramos, desde logo, evidenciar a hegemonia paisagística das plantações de castanheiros, as suas geometrias e complexas variações cromáticas. Por outro lado, é nosso intuito apreender a absorvente azáfama que caracteriza a apanha das castanhas, prestando especial atenção às sociabilidades, práticas laborais e disposições corporais que aí se manifestam de forma particularmente distintiva.

Palavras-chave: apanha de castanha, atmosfera, Terra Fria, Portugal

A castanha (*Castanea sativa*) é, atualmente, a principal colheita agrícola da Terra Fria transmontana (extremo Nordeste de Portugal), muito em particular nos concelhos de Bragança e Vinhais, responsáveis por cerca de metade da produção nacional. Apelidada popularmente como *o novo ouro transmontano*, nem sequer é necessário destacar as evidentes razões económicas para perceber a sua extraordinária proeminência. Basta contemplar a onnipresença das plantações de castanheiros (soutos) na paisagem da região, pintando-a de diferentes cores consoante as estações, e presenciar o intenso frenesim outonal que começa a tomar conta das gentes mal os ouriços se abrem e libertam as preciosas pepitas. Foi justamente com o intuito de registar a imponência paisagística dos soutos e de apreender a azáfama quotidiana da apanha dos seus frutos que decidimos captar em fotografia e áudio a densa ambiência física, estética, experiencial e social – a “atmosfera” (Böhme 1993)² – gerada em torno da castanha.

1 Os autores agradecem ao Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento (CETRAD-UTAD), entidade financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UID/SOC/04011/2019. Contactos: octavsac@utad.pt / ruimiguel@gmail.com.

2 Partindo dos contributos filosóficos de Böhme sobre a noção de atmosfera, nomeadamente sobre a sua indeterminação ontológica, Bille, Bjerregaard e Sørensen referem que “We may think of atmospheres as the personal experience of a situation [...]. Yet an atmosphere is never exclusively a psychological phenomenon, as state-of-mind, nor solely an objective thing ‘out there’, as an environment or milieu; atmospheres are always

Inicialmente, e partindo de formulações conceptuais sobre os sentidos na antropologia visual (Pink 2006) e da noção de “soundscape” (Kelman 2010; Samuels, Meintjes, Ochoa e Porcello 2010; Schafer 1994), a nossa ideia passava pela realização de uma exposição/instalação em que as imagens e os sons naturais e sociais a elas associados pudessem dialogar, proporcionando densidade simbólica, multissensorialidade e uma maior envolvimento aos espectadores. Sob o título *Tempo de castanha: ensaio áudio-fotográfico*, o evento concretizar-se-ia nos dias 19 e 20 de dezembro de 2018, na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD, Vila Real). Nele foram expostas 24 fotografias³ e instalado um sistema de som que difundia em *loop* uma gravação, com cerca de meia hora, relativa a sonoridades ambientais e conversas ilustrativas do *tempo de castanha*.

Veja a galeria de fotos aqui:
<https://journals.openedition.org/cadernosaa/2336>

Do conjunto de elementos audiovisuais exposto na UTAD, selecionamos agora 15 fotografias como referências centrais para a construção de um pequeno roteiro etnográfico de espaços, cenários, práticas e corporalidades que, sazonalmente, de outubro a início de dezembro, marcam a apanha da castanha na Terra Fria transmontana. As imagens e os breves apontamentos que sobre elas vamos esboçando cruzam-se de forma mais ou menos explícita, criando uma complementaridade de enfoques, estéticas e significações. Organizamos a apresentação e análise em três grandes blocos de fotografias, seguindo a linha do tempo cronológico. Tal permite-nos traduzir de forma coerente as acentuadas transformações cromáticas da paisagem em pouco mais de dois meses e a sequência de afazeres e ambientes sociais associados à coleta e comercialização da castanha.

located in-between experiences and environments” (2015: 32). Veja-se, ainda, Ingold (2012) para um entendimento tendencialmente fenomenológico da atmosfera, inspirado na filosofia de Merleau-Ponty.

3 Como suporte das fotografias, foram utilizadas plantas de castanheiro envasadas com cerca de dois metros de altura.

OMNIPRESENTES

De forma a captar a vincada presença dos soutos na paisagem e a mostrar como a sua distribuição no espaço forma uma manta de pequenos retalhos geométricos quadrangulares, usámos um drone para obter as panorâmicas que as duas primeiras imagens nos proporcionam. Embora as novas possibilidades tecnológicas suscitem inúmeras questões e reflexões éticas no campo da antropologia visual (Pink 2017) e os drones tenham, indiscutivelmente, um lado tenebroso de elementos bélicos e invasivos, importa não esquecer que, apesar de tudo, em muitas circunstâncias, “the non-human, multi- and extrasensory visuality of the drone are more plentiful than terrible, more evasive than invasive, and create practical and imaginative space for experimentation (Garrett e McCosker 2017: 13). Os registos visuais que a utilização do drone tornou possível nas primeiras e nas últimas fotos – com especial destaque para as impressões cromáticas – provam o seu potencial na construção de novas visualidades.

As duas fotografias iniciais foram realizadas no início da época de frutificação e proporcionam uma ampla perspetiva da densa disposição territorial dos castanheiros, então ainda carregados de folhas e ouriços que criam uma tonalidade verde-acastanhada pontuada por pequenos matizes azulados. A terceira imagem, envolta em tons castanho-dourados luminosos, é obtida a partir de dentro da compacta cobertura arbórea, mostrando já o tapete de ouriços que começa a formar-se no chão. Os soutos surgem nestas fotos como componentes culturais hegemónicos da paisagem, conferindo-lhe texturas e nuances de luz e cor que nos mostram o quanto ela é indissociável das populações e respetivas atividades e temporalidades (Ingold 1993; Tilley e Cameron-Daum 2017).

Marcada pela presença massiva de castanheiros, a paisagem da Terra Fria transmontana encerra um grande potencial significativo e pode mesmo ser tomada como matriz para o entendimento de algumas das principais mudanças sociais registadas na região no último meio século e como espelho político de estratégias nacionais e comunitárias para os territórios rurais. Com efeito, o cenário atual é, em larga medida, resultante de um vasto conjunto de transformações estruturais, destacando-se, desde logo, a acentuada diminuição da pressão demográfica sobre a terra, devido aos constantes fluxos emigratórios, e os ajustamentos decorrentes da reforma da política agrícola comum (PAC) a partir de 1992. Um dos resultados mais evidentes destes processos foi o menosprezo e abandono de terras antes reservadas a produções essenciais à reprodução da unidade doméstica (*v.g.* centeio, batata, milho, pasto e forragens para os animais).

Mais recentemente, muitas destas terras têm vindo a ser valorizadas e recuperadas para a instalação de soutos, produzindo-se, em certa medida, uma “paisagem de resistência” (Scott 1985), física e cultural, face aos muitos e poderosos constrangimentos que recaem sobre a generalidade dos contextos rurais do interior de Portugal. Na atualidade, a plantação de castanheiros tende mesmo a ser encarada de forma quase messiânica, como se pode depreender de várias expressões correntes: *aqui, o castanheiro é o que nos vai valendo; as castanhas são a nossa salvação!* É óbvio que esta acentuada reconversão produtiva da Terra Fria rumo à quase monocultura da castanha se intensificou extraordinariamente com a crescente e muito significativa valorização do seu preço no produtor, sobretudo na última década e meia, período no qual o preço mais do que duplicou, situando-se em 2018 num valor médio na ordem dos 2.5€/kg.

«A CASTANHA TEM UMA MANHA, VAI COM QUEM A APANHA»

O segundo lote de fotografias (4 a 13) ilustra configurações sociais, processos e práticas do *tempo* da apanha à venda da castanha. Praticamente ninguém fica indiferente a este *tempo*, como se uma febre coletiva se instalasse na região e a vida girasse em torno da castanha. Geralmente solitários, os campos são tomados por um bulício diário de pessoas devotamente entregues à recolha das pequenas preciosidades que se estendem sob os castanheiros, preenchendo a paisagem com rastos sonoros da sua azáfama e das muitas lérias que aí se entrecruzam. Embora este frenesim outonal seja indissociável de questões económicas óbvias, importa também compreendê-lo à luz de uma perspetiva de natureza social-simbólica, enquanto momento de revivificação da pertença a uma ecologia física e cultural, e de experiência de um certo orgulho na vinculação identitária à terra e a um produto emblemático do território, que é alvo de reconhecimento generalizado.

No trabalho de colheita participam homens, mulheres, jovens e menos jovens, sendo que os mais idosos parecem revigorar-se com a adrenalina da febre da castanha e deixar em suspenso as maleitas que os afligem. Algumas destas pessoas vivem em centros urbanos mais ou menos próximos (*v.g.* Bragança, Porto, Lisboa) e trabalham noutra atividade, mas aproveitam o fim-de-semana (ou até as férias) para *ir à aldeia* de onde são naturais para (ajudar a) colher as castanhas da família (foto 8). Atendendo ao acentuado envelhecimento da população da Terra Fria, esta mão-de-obra extra nem sempre é suficiente para fazer face a uma produção que vem aumentando de forma expressiva. Nos últimos anos, são cada vez mais os produtores que recorrem ao pagamento de jornas (trabalho diário remunerado com um valor situado entre 30 a 50€, aproximadamente) a locais e a imigrantes, provenientes sobretudo da Europa de Leste (foto 6). Ao atrair estes fluxos migratórios sazonais, a apanha da castanha constitui um momento de inscrição da região em circuitos e dinâmicas transnacionais.

Além de envolver o pagamento de mão-de-obra, a atividade tem sido alvo de alguma inovação tecnológica, recorrendo-se, por exemplo, a sopradores que permitem separar e juntar as castanhas em linhas (fotos 4 e 6), evitando que tenha de se perder tempo a revolver (*esgarabelhar*) as folhas e os ouriços à sua procura. Apesar de tudo, as tarefas em causa continuam a envolver grande desgaste físico, bem evidente nas corporeidades de esforço e cansaço presentes nas fotos 5, 9 e 10. Estas e outras corporeidades mostram-nos a proeminência do corpo como lugar de experiência e expressão sociocultural, pelo que, como defende Csordas (1990: 5) na proposta de “embodiment” como paradigma antropológico, “the body is not an *object* to be studied in relation to culture but is to be considered as the *subject* of culture, or in other words as the existential ground of culture”.

A dor nas costas, em especial na região lombar, é de tal ordem que é frequente a apanha ser feita mediante uma disposição corporal que passa por estar de cócoras ou mesmo de joelhos, como é evidente nas imagens 6 e 8. Todavia, este sacrifício parece valer a pena quando assistimos às expressões de regozijo e recompensa no momento do acondicionamento das castanhas em sacos de rede e da respetiva pesagem e pagamento (fotos 11, 12 e 13). Neste momento, além da remuneração propriamente dita, parece existir uma recompensa pessoal decorrente do cumprimento de uma tarefa bastante árdua, sendo esta recompensa tanto maior quanto maior for o feito do empreendimento da apanha (traduzido em *sacas*, quilos e/ou euros) no quadro geral das contabilidades sociais locais.

DESPOJADOS

A sinalizar o encerramento do *tempo de castanha*, as duas últimas fotografias (14 e 15) proporcionam uma panorâmica de castanheiros quase completamente despojados, em claro contrate com a sua exuberância vegetativa de um par de meses antes, de que as primeiras imagens nos dão conta. Em redor das árvores, os anéis de folhas e ouriços expulsos de debaixo das copas pela ação do soprador formam um padrão que alguém menos familiarizado com os labores da castanha poderia, eventualmente, atribuir a uma qualquer manifestação paranormal ou alienígena. Desta configuração geométrica de tons ferruginosos, pontuada por árvores brônquias de tom azulado e por meia dúzia de outras que, teimosamente, ainda se mantêm vestidas de um amarelo acastanhado, resulta um cenário pictórico expressivo que marca o fim da febre da castanha na Terra Fria transmontana. Mas, inevitavelmente, em outubro de 2019, a febre regressará. Até lá, os castanheiros não ficam esquecidos. Pontualmente irão receber os cuidados essenciais (lavra, poda, adubamento, tratamentos fitossanitários) ao sucesso da nova temporada de colheita.

BIBLIOGRAFIA

- Bille, Mikkel, Peter Bjerregaard, e Tim Sørensen. 2015. "Staging atmospheres: materiality, culture, and the texture of the in-between". *Emotion, Space and Society*, 15: 31-38. DOI: 10.1016/j.emospa.2014.11.002.
- Böhme, Gernot. 1993. "Atmosphere as the fundamental concept of a new aesthetics". *Thesis Eleven*, 36: 113-126.
- Csordas, Thomas. 1990. "Embodiment as a paradigm for Anthropology". *Ethos* 18 (1): 5-47.
- Garrett, Bradley e Anthony McCosker. 2017. "Non-human sensing: new methodologies for the drone assemblage", em Edgar Cruz, Shanti Sumartojo, e Sarah Pink (orgs.). *Refiguring Techniques in Digital Visual Research*, pp. 13-23. Londres: Palgrave Macmillan.
- Ingold, Tim. 1993. "The temporality of the landscape". *World Archaeology*, 25 (2): 152-174.
- _____. 2012. "The atmosphere". *Chiasmi International*, 14: 75-87. DOI: 10.5840/chiasmi20121410.
- Kelman, Ari. 2010. "Rethinking the soundscape: a critical genealogy of a key term in sound studies". *The Senses and Society*, 5 (2): 212-234. DOI: 10.2752/174589210X12668381452845.
- Pink, Sarah. 2006. *The Future of Visual Anthropology: Engaging the Senses*. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Pink, Sarah. 2017. "Technologies, possibilities, emergence and an ethics of responsibility: refiguring techniques", em Edgar Cruz, Shanti Sumartojo, e Sarah Pink (orgs.). *Refiguring Techniques in Digital Visual Research*, pp. 1-12. Londres: Palgrave Macmillan.
- Samuels, David, Louise Meintjes, Ana Ochoa, e Thomas Porcello. 2010. "Soundscapes: towards a sounded Anthropology". *Annual Review of Anthropology*, 39: 329-345. DOI: 10.1146/annurev-anthro-022510-132230.
- Schafer, R. Murray. 1993. *The Soundscape: Our Sonic Environment and the Tuning of the World*. Rochester: Destiny Books.
- Scott, James. 1985. *Weapons of the Weak: Everyday Forms of Peasant Resistance*. New Haven: Yale University Press.
- Tilley, Christopher e Kate Cameron-Daum. 2017. *An Anthropology of Landscape: The Extraordinary in the Ordinary*. Londres: UCL Press.

CHESTNUT FEVER IN THE TERRA FRIA: IMAGES AND BRIEF ETHNOGRAPHIC NOTES

Starting from a set of 15 photographs this ethnographic essay covers the atmosphere that, seasonally, from October to early December, commands the «chestnut time» in the Terra Fria region, in the north-east of Portugal. The authors seek to point out the hegemony of the landscape of chestnut plantations, their geometries and complex chromatic variations. At the same time, it is intended to apprehend the absorbing bustle that characterizes the chestnuts picking, paying particular attention to the sociabilities, labour practices and corporal expressions manifest in a particularly distinctive way.

Keywords: chestnut picking, atmosphere, Terra Fria, Portugal

Recebido em: 2018-12-31

Aceitado em: 2019-03-30